

Brasil dá prejuízo aos bancos

20 JAN 1988

GAZETA MERCANTIL

Dúvida Exat

Os principais bancos americanos divulgaram ontem o balanço de 1987 com pesados prejuízos, apesar do lucro registrado no último trimestre. As perdas foram atribuídas à necessidade de fazer provisão para cobrir empréstimos dados a países endividados, especialmente o Brasil e o Equador.

O Citibank, maior credor brasileiro, fechou 1987 com um prejuízo de US\$ 1,138 bilhão. Segundo o banco, somente o não pagamento dos juros devidos pelo Brasil consumiu US\$ 333 milhões de seus ganhos operacionais. Além disso, a instituição teve de ampliar as provisões para possíveis perdas com empréstimos de US\$ 1,826 bilhão em 1986 para US\$ 4,41 bilhões em 1987.

O banco tomou algumas providências no segundo semestre para ampliar sua base de capital. Em setembro, 20 milhões de ações (40 milhões após o desdobramento) foram vendidos, aumentando em US\$ 1,1 bilhão o capital; e a venda de parte do complexo em que está sediado, em Nova

York, acrescentou ganhos de US\$ 283 milhões no resultado do quarto trimestre, período em que o lucro foi de US\$ 642 milhões.

O Manufacturers Hanover, quarto maior credor, teve um prejuízo praticamente igual ao do Citicorp, de US\$ 1,14 bilhão, explicado pela decisão tomada no segundo trimestre de aumentar a reserva para possíveis perdas com empréstimos em US\$ 1,7 bilhão. Foi o único banco a revelar ter recebido do Brasil, no quarto trimestre, US\$ 25,9 milhões relativos ao pagamento parcial de juros devidos. Mas essa entrada de dinheiro não foi incluída nos resultados do ano.

Ao anunciar o balanço, o "chairman" do Manufacturers Hanover, John McGillicuddy, disse que a instituição gastou US\$ 82 milhões na sua reestruturação, que significou o abandono de algumas operações — para a concentração em setores considerados mais lucrativos — e a redução de 2,5 mil pessoas do quadro de funcionários. McGillicuddy confia em que as me-

didadas levarão os resultados deste ano aos níveis históricos, "após o balanço desapontador de 1987".

O segundo maior credor do Brasil, o Chase Manhattan, teve um prejuízo no ano passado de US\$ 895 milhões em comparação com o lucro de US\$ 585 milhões em 1986, consequência do aumento de US\$ 1,6 bilhão nas reservas para devedores duvidosos, que fecharam o ano em US\$ 2,72 bilhões, equivalentes a 4% da carteira de empréstimos. Em 1986, a provisão era de 1,6% dos empréstimos pendentes.

O Chase Manhattan também tomou providências para melhorar os resultados com a venda de ativos. US\$ 39 milhões, incluídos no lucro de US\$ 154 milhões do último trimestre, foram obtidos com a venda de propriedades imobiliárias no Japão.

O J. P. Morgan, que assessorou o México no projeto de troca da dívida por bônus, foi um dos poucos a fechar o ano com lucro, ao lado do Wells Fargo. O lucro do J. P. Morgan — holding do Morgan Guaranty Trust — em 1987 foi de módicos US\$ 83,3 milhões. Ainda assim, informou que os resultados foram prejudicados pela colocação de US\$ 1,3 bilhão devido pelo Brasil em regime de caixa. Um dos fatores que contrabalançaram as perdas com empréstimos a países endividados foi o resultado recorde de US\$ 251,2 milhões nas operações de câmbio.

O Wells Fargo lucrrou US\$ 50,8 milhões, apesar da provisão especial de US\$ 550 milhões para empréstimos duvidosos. O Mellon Bank, que ampliou essas reservas em US\$ 635 milhões, teve um prejuízo de US\$ 844 milhões. Outro grande banco americano, o Security Pacific, apenas revelou o resultado com quarto trimestre, com prejuízo de US\$ 39,4 milhões. No mesmo período, o First Republic Bank perdeu US\$ 347,8 milhões.

A International Business Machines (IBM) computou um lucro líquido de US\$ 5,26 bilhões (ou US\$ 8,72 por ação) no exercício de 1987, um crescimento de 9,8% em relação aos US\$ 4,79 bilhões (US\$ 7,81 por ação) em 1986.

(Ver página 17)